

O olhar literário construído a maneira da literatura comparada¹

Prof.^a Ms. Melina Xavier de Sá Morais²

Prof.^a Dr.^a Betina R. R. da Cunha³

Resumo: A proposta deste texto é de discutir o quanto a Literatura Comparada se faz de extrema relevância às Ciências Literárias. Além do mais, contribui para as discussões e problemas a serem investigados nas obras, sejam elas nacionais ou internacionais, bem como possibilita a união dos saberes, como a disseminação dos gostos ao público leitor, pelas grandes obras. Para o comparatista, não existe fronteiras para o conhecimento, tudo é uma questão de como o crítico se dispõe a explorar suas indagações e como as perpetua.

Palavras chave: Literatura Comparada, Ciências Literárias, grandes obras.

Abstract: This paper goal is discuss how the Comparative Literature becomes extremely important to Literary Sciences. Further, the Comparative Literature can contribute to discussions and problems that are investigated in national or international researches, such as enabling the union of the literary knowledge, and the spread of the great literary works to the readers. There are no knowledge boundaries to the Comparatists, their studies depend on how they are going to explore the questions and how these questions are going to be perpetuate.

Keywords: Comparative Literature, Literary Sciences, great literary works.

O conhecimento da Literatura Comparada ensinou-nos, entre outras coisas, a conceber o fenômeno literário como um fenômeno de cultura, a nunca esquecer que um texto literário é uma forma especial de comunicação e, conseqüentemente, de simbolização do mundo. Em suma: a nunca dissociar “literariedade” e contexto cultural, mesmo social, dado que o fenômeno literário é também um *processus* de socialização, pela própria existência do público leitor, das relações entre produção literária e realidades sociais.

Álvaro Machado e Daniel Pageaux

¹ Título correspondente em Língua Inglesa: LITERARY LOOK BUILT ON COMPARATIVE LITERATURE WAY;

² Professora Mestre pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: melgrecia@yahoo.com.br.

³ Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: betina@ufu.br.Co-autora do texto.

Introdução

O presente estudo foi elaborado mediante as discussões advindas da disciplina “Estudos Comparados de Literatura”, ministrada no Curso de Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia. Essa disciplina permitiu com que pudéssemos vislumbrar uma polêmica a cerca da Literatura Comparada e seu papel como contribuidora das investigações literárias.

Para tanto recorreremos ao texto “Literatura” de Jorge Wanderley, presente em *Palavras da Crítica* (1992), de José Luiz Jobim, os capítulos “Introdução” e “Literatura” em *O Demônio da Teoria* (2010), de Antoine Compagnon; “O lugar crítico” em *Texto, crítica e escritura* (1978), de Leyla Perrone-Moysés e o texto “O que é literatura?” de Terry Eagleton em *Teoria da literatura: uma introdução*. Estes textos contribuíram para melhor compreendermos as investigações da Crítica Literária e sua busca incessante pelo conceito de Literatura e dos elementos a ela relacionados, como autor, obra, contexto, leitor, dentre outros.

Após essas leituras, para discutir sobre a função da Literatura Comparada no que tange o estudo seja da Literatura Nacional, Literatura Universal ou Literatura Geral nos valem de textos como, *Literatura Comparada* (2006), de Tania Franco Carvalhal e *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura* (1998), de Daniel-Henri Pageaux e Álvaro Manuel Machado.

Afim de melhor refletir sobre o “dever” do crítico diante do texto literário, busca-se o comparatista como sendo de grande relevância e contribuição às indagações dos investigadores da teoria literária. Para tanto é necessário que ele saiba delimitar seu campo de análise, construir um *corpus* de pesquisa “buscar uma reflexão sobre as dimensões novas duma questão literária.” (PAGEAUX e MACHADO, 1998, p.167).

O trabalho divide-se em duas partes com o intuito de melhor expormos os conteúdos. A princípio discutiremos os textos teóricos citados para que posamos averiguar o papel da Literatura Comparada para os estudos literários. Em um segundo momento deter-nos-emos a uma das possibilidades do olhar comparado em relação aos clássicos, cuidando para não nos atermos apenas a eles.

I. Algumas reflexões sobre a Literatura Comparada

Os estudiosos da Literatura sempre estiveram em busca do que seria Literatura, ou mesmo do porquê um texto pode tornar-se literário, mesmo tendo feições, por exemplo, jornalística. Conceituar literatura sempre esteve atrelado ao poético e ao belo, conceitos estes que hoje não mais são cabíveis a uma Teoria Literária tão vasta, rica e complexa no que diz respeito às investigações de uma obra ou mesmo uma teoria sobre o fazer literário e artístico de uma criação.

Durante um percurso, se assim pudermos considerar, dos estudos literários muitos elementos foram colocados em voga para bem compreender ou desvendar do texto literário, como o estudo do autor, do texto, do narrador, personagens, dentre outros. Não satisfazendo mais as exigências e indagações de uma crítica vigente e de um público seletivo, novas pesquisas foram elencadas, como a

importância do leitor, da sua relação com o texto literário, nasceu a teoria sobre a Estética da Recepção. O receptor é de suma relevância para que a obra se consolide e de certa forma exista como tal.

Para Jorge Wanderley no texto “Literatura” explicita que o texto literário está relacionado a três categorias estéticas. Uma seria o da produção, consciência técnica, razão, o fazer literário; outra seria a recepção, envolvendo o contexto a qual se insere a obra e a aceitação da mesma e por último a comunicação que se estabelece pela relação entre o texto e o leitor. Assim, para Wanderley o texto exerceria para com seu público uma relação de prazer, sendo que o reconhecimento do texto literário para o receptor não ocorreria com a separação entre razão e emoção.

E, segundo Hans Robert Jauss, em *A história da Literatura como Provocação à Teoria Literária* (1994) discute que:

(...) o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa. Considerando-se que, tanto em seu caráter artístico quanto em sua historicidade, a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor.(...) a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade. (p.23)

A literatura se converte em um processo histórico concreto mediante a experiência daqueles que recebem estas obras, seja de reconhecimento ou não. Uma obra literária durante sua primeira publicação pode ser bem aceita, compreendida, ou ignorada, porém, com o passar dos anos em uma outra época pode fazer sentido à geração. Assim, para Jauss o caráter histórico e o artístico estariam interligados pela recepção de um público em relação a outro, entre passado e presente.

Importante lembrar o quanto o estudo comparado contribuiu e contribui para que o crítico olhe o outro com respeito, como bem explicitou Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, em *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*:

O conhecimento da Literatura Comparada ensinou-nos, entre outras coisas, a conceber o fenômeno literário como um fenômeno de cultura, a nunca esquecer que um texto literário é uma forma especial de comunicação e, conseqüentemente, de simbolização do mundo. Em suma: a nunca dissociar “literariedade” e contexto cultural, mesmo social, dado que o fenômeno literário é também um processus de socialização, pela própria existência do público leitor, das relações entre produção literária e realidades sociais. (1998, p.166)

Afinal, a literatura exerce um papel de representante e simbolizadora de uma dada realidade. Mediante a linguagem constrói a sua maneira, ou tenta ao

menos desenrolar o emaranhado que é a realidade. Mesmo que seu discurso ficcionalize, parte de um contexto, que se realiza através da sua linguagem própria, como já diziam os Formalistas Russos, com certa “Literariedade”.

O estudioso da teoria literária, com a ajuda do comparatista passou a refletir que a literatura não é apenas um conjunto de textos incomunicáveis, uma simples abstração. Letras a serem desvendadas, interpretadas e decodificadas, mas, sim, um discurso que apresenta problemas a serem desvendados, um público que está vinculado a uma dada época. Dessa forma, o comparatista deve propor um campo de investigação, definir seu corpus de análise e articular um problema.

Não existe, então, um método para o comparatista, mas existem problemas a serem sanados. Deve se observar em que medida o tema proposto é crítico e/ou possibilita uma autocrítica do próprio objeto, qual a relação com a época da sua produção e seu público, bem como se faz mister uma busca pelas relações de intertextualidade da obra a ser trabalhada com outras literaturas, seja internacionais ou nacionais, além do estudo das gerações:

Neste plano, há um conceito-chave já referido que é frequentemente utilizado em estudos comparativos: *o conceito de gerações*. Ele implica o estudo de todo um sistema de idéias e de valores. Consequentemente, situa-se na fronteira entre o fenômeno histórico-social, o fenômeno das mentalidades. (MACHADO; PAGEAUX, 1998, p. 172)

Contudo, o ato comparatista ficou relegado ao estudo exclusivo de literaturas estrangeiras “ao definir a literatura comparada como ‘história das relações literárias internacionais’, compreende-se como simples comércio internacional da cultura e propõe a investigação dessas relações apenas em seus aspectos mais superficiais”. (CARVALHAL, 2006, p. 29). Afinal o que seria do estudo das literaturas nacionais, que representam toda uma cultura, se os estudos comparados ficassem relegados exclusivamente ao estrangeiro.

A literatura é ao mesmo tempo nacional e universal. Ao falarmos em cultura geral temos uma obra, por exemplo, *Odisseia* de Homero, que foi capaz de perpassar várias gerações ao ponto de ser difundida a outros países incorporando-se a cultura destes. Assim, quando falamos na história literária devemos nos ater, como demonstra o excerto abaixo:

(...) a história literária não é apenas adotar critérios que permitam estudar e classificar gerações, movimentos, gêneros, é também repensar a literatura como *processus* de criação em si, quase sempre individual, e ver o que a propósito dessa criação em se tem dito em histórias e manuais literários. Rapidamente se poderá concluir que, de período para período, instala-sede maneira mais ou menos implícita o hábito de estabelecer uma fronteira entre aquilo que se considera “grande” e “pequena” literatura. (MACHADO; PAGEAUX, 1998, p. 176)

Comparar é um estado de espírito. Estudo das conexões e diferenças entre diversos modos de pensar e de representar o mundo. Sendo a porta de entrada para a literatura mundial, significando o grande tesouro dos clássicos, como Homero, Dante, Cervantes, Genette, dentre outros; cuja reputação se espalhou por todo mundo, tornando-se sinônimo de obras-primas. Porém segundo Jauss (1994), muitos críticos literários se atêm ao cânone das obras-primas, como por uma questão de confiança e acabam por relegar, de certa forma, as novas gerações literárias. Questões estas que discutiremos a seguir.

Ii- A literatura comparada e as grandes obras

Toda cultura de certa forma impõe saberes. Estes seguem através da concretização mediante textos, ou melhor, valem-se da linguagem, do discurso como forma de representação e mesmo como forma de suportarmos a complexa realidade em que estamos inseridos. Assim, para Roberto Reis em *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura* (1992):

Este intercâmbio de saberes - e saber é uma forma de domesticar, pelo conhecimento, a realidade – está mediado pela linguagem. Entre o sujeito humano e o que chamamos real se interpõe a linguagem, que me permite falar das coisas do mundo (*realia*): mediante os signos verbais me apropriro do objeto de que falo e, ao mesmo tempo, recrio este objeto numa outra dimensão, simbólica, humana, social, cultural.

O homem pode não ser bem adaptado à fuga como um coelho ou um leopardo. À defesa própria, como os leões ou os tigres, mas é capaz de se adequar aos mais variados ambientes e juntamente a ele torná-lo pensável e assimilável. Com a cultura o homem criou um “ambiente próprio” de conhecimentos e conquistas, de capacidades singulares.

Cria e desenvolve conhecimentos extraordinários, porém, está sempre em busca de suas angústias, fazendo com que proponha novas perguntas e questionamentos. As angústias humanas continuam as mesmas, mas a forma com que as olhamos, são mutáveis e nada acontece “duas” vezes, já refletiu Heráclito em relação ao universo, assim tudo se encontra em constante construção, como o real. Esta realidade está atrelada aos desejos dos homens, ao que faz dela através da linguagem, por isso:

(...) a linguagem também organiza o real, de tal forma que pensaremos como “real” aquilo que o horizonte da linguagem (e a cultura da qual ela faz parte) articula como tal. A realidade passa a ser conhecida e o mundo, uma vez inserido na ordem simbólica, assume um caráter humano e social. (REIS, 1992, p. 66)

O mundo passa a fazer sentido através das construções, das narrativas que construímos - das ficções. A realidade precisa do homem, como o homem necessita da realidade, uma relação de reciprocidade para que aja sentido o universo,

pois não suportamos o nada, o vazio. Se tal relação ocorre pela simbolização, entretanto se faz mister entender que, suportar o real é saber adaptá-lo, representá-lo e urdi-lo. Afinal, nos mesmos o “eu” não nasce pronto, vamos nos formando, construindo ao longo dos tempos, como em uma narrativa

Ao pensarmos no papel da linguagem diante de uma determinada cultura não podemos esquecer que ela foi e continua sendo utilizada como fonte de poder, visto que:

(...) a linguagem também hierarquizada e engendra em seu bojo mecanismos de poder, na medida em que ela articula e está articulada pelas significações forjadas no seio de uma dada cultura, no interior da qual, como ficou dito, as ideologias estão operando para garantir a dominação social. (REIS, 1992, p. 67).

Ao pensar nos Textos Literários é sabido que eles valem-se da linguagem, como forma de interpretação, ou representação de um povo. A leitura entendida como conjunto de textos, sobre os mais diversos assuntos superpõe à realidade. Funciona como intermediária diante da ação recíproca com o real. Todo conhecimento é produzido em um determinado contexto histórico, econômico e político que seria o ponto de partida deste saber. Ademais, toda posição crítica é realizada por uma dada classe ideológica, sendo muito difícil de ser dissociado do poder.

As formas atribuídas para se interpelar um texto literário estão intimamente ligadas a um dado momento histórico. E a este um grupo de intelectuais detentores de poder, ao ponto de consagrarem determinadas obras literárias, “(...) atribuíram o estatuto de literário àquele texto (e não a outros), canonizando-o” (REIS, 1992, p. 69). Afinal, muitas vezes a cultura e a linguagem estão associadas à soberania de alguns, diante do todo, sendo o discurso um legalizador deste poder.

O crítico dotado de um repertório de leitura seja estético, cultural ou social cultiva a sua geração, bem como a influencia, gostos por determinadas obras. Sendo, “o crítico quem passa a exercer a autoridade sobre o sentido, a estrutura, as relações internas do artefato literário e, através do exercício profissional, a disseminar interpretações que lhe convém para leitores e alunos.” (REIS, 1992, p. 75). Portanto é de fundamental relevância seu papel perante o público leitor, em relação à formação cultural dos mesmos.

A consagração de uma obra, como “obra-prima” ou “clássica” se constrói ao longo dos tempos. As obras são compreendidas uma após a outra sendo lidas, julgadas, adoradas por um público leitor, como questionou Antoine Compagnon (2010):

(...) como se fossem contemporâneas entre si, e contemporâneas de seu leitor atual, fazendo-se abstração da história, da distância temporal- e o ponto de vista diacrônico e relativista, que considera as obras como séries cronológicas integradas a um processo histórico. É a distinção entre monumentos e documentos. Ora, a obra de arte é eterna e histórica. Paradoxal por natureza, irredutível a um de seus aspectos, é um documento histórico que continua a proporcionar uma emoção estética. (p. 200)

Este excerto coloca em discussão a História Literária e a Crítica Literária, o que não nos cabe discutir, visto que é uma análise delicada e extensa. Contudo, são elas de suma relevância ao trabalho comparatista, principalmente para bem compreendermos uma obra consagrada de geração após geração e o julgamento de valor a elas dedicado. Estudar uma obra clássica não é relegar as produções atuais, porém é resgatar temas que foram importantes e de interesse crítico que ao serem analisados contemporaneamente, tornam-se tão inovadores quanto antes. Afinal, um clássico para um leitor é sempre um escritor novo, redescoberto a cada nova leitura.

Considerações finais

A Literatura Comparada, em suma, associada à Teoria Literária, Crítica Literária e aos estudos da História Literária permite que o olhar dedicado às obras seja completo e com extrema pontualidade. Permite vislumbrar tanto as obras nacionais quanto as internacionais e suas relações, como propõe discussões diferentes dos outros três ramos da ciência literária, se assim puder considerar. Considera outros saberes e os utiliza como fonte de apoio à suas investigações, bem como considera o público leitor de extrema relevância.

Os estudos literários comparados segundo Tania Franco Carvalhal seriam:

(...) a investigação das hipóteses intertextuais, o exame dos modos de absorção ou transformação (como um texto ou sistema incorpora elementos alheios ou os rejeita), permite que se observem os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produção. (2006, p. 86).

Assim, o estudo comparado de literatura não está reduzido ao estudo de pares de semelhanças. Visa, antes de tudo, um estudo de comparação entre elementos afim de interpretá-los, não se preocupando em analisar as dualidades existentes entre uma obra e outra, ou entre um autor e outro. Além disso, as investigações são atribuídas a questões amplas, em que um mesmo problema pode ser analisado em diferentes contextos literários, o que estimula a visão crítica nacional.

A Literatura Comparada interage com outros saberes para bem interrogar o texto literário, relações interdisciplinares. Literatura e as artes, literatura e psicologia, literatura e filosofia, dentre outras, se unem em prol das análises investigativas dos textos. Como se não bastasse, o comparatista considera de grande importância o papel do receptor em relação à obra literária, além de deter aos pontos de contato existentes entre um texto e outro, questões estas que não podem ser relegadas nas investigações.

O Crítico Literário sendo detentor de poder e de grande influência sobre sua época perpetua o gosto por determinadas obras (obras-primas). O comparatista sendo um enciclopedista e conhecedor de diversas representações literárias difunde as obras as diversas culturas, eternizando textos e consagrando-os como

clássicos às mais diversas gerações. Dessa forma os estudos comparatistas vieram para contribuir com as ciências Literárias e/ou complementá-las.

Referências

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2006. 94 p.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da Teoria**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, IX a 22.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação á teoria literária**.

Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.

JOBIM, José Luis. (Org). **Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

PAGEAUX, Daniel-Henri. MACHADO, Alvaro Manuel. Do Método ao modelo. In: _____. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Edições 70. 1998, p. 125 a 138.

PERRONE-MOYSÈS, Leyla. O lugar crítico. In: _____. **Texto, crítica e escritura**. São Paulo: Ática, 1978, p. 15 a 34.

1 - Melina Xavier de Sá Moraes: <http://lattes.cnpq.br/4969088100653663>

2 - Betina R. R. da Cunha: <http://lattes.cnpq.br/0504371515180190>